Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

A Disputa dos "Comum's" em Bacurau: Aniquilação versus Articulação Local[1]

The Battle of "Common's" in *Bacurau*: Annihilation versus Local Articulation

João Pedro Pinho

Palavras-chave: Comum; Bios Midiático; Cinema Nacional; Bacurau.

Em 2019 vimos um Governo Brasileiro que, dentre outros atos de desmonte, tratou com escárnio e desvalorização produções culturais de seu próprio povo, como exemplifica diversas ações com tom de censura apreendidas pela Ancine, como a retirada de cartazes de filmes brasileiros dos corredores do prédio da instituição e do acervo online de seu site (Finotti, 2019); o corte de apoio a filmes com temáticas LGBTs (Carta Capital, 2019); e o cancelamento da exibição do longa *A Vida Invisível* para seus funcionários (Finotti, 2019b).

Se de um lado nosso próprio governo parece não valorizar a rica produção cinematográfica brasileira, *Bacurau*, obra mais recente de Kléber Mendonça Filho (*O Som Ao Redor* e *Aquarius*, este último já envolvido em diversas polêmicas (Rio, 2016) na época de seu lançamento) conquistou clamor da crítica especializada e títulos em importantes premiações internacionais como o 'Prêmio do Júri' no Festival de Cannes, 'Melhor Filme' no Festival de Cinema de Munique e 'Melhor Filme', 'Melhor Direção' e 'Prêmio da Crítica Internacional' no 23° Festival de Cinema de Lima. No Brasil, o filme

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

foi elogiado e recebeu apoio declarado por diversos críticos e figuras da indústria cinematográfica nas redes sociais.

Na história, Bacurau é um pequeno povoado localizado no Sertão Brasileiro. Um dia, o professor da escola pública do local percebe que a existência do vilarejo não consta mais no Google Maps: havia sido apagada. Daí em diante, em meio a drones que espreitam os céus vigiando os habitantes e forasteiros do sudeste que aparecem ostentando ar de superioridade e deixando rastros de violência por onde passam, a comunidade de Bacurau percebe que o apagamento que está em operação vai muito além do sumiço no mapa: trata-se de um projeto de aniquilação.

Partindo dessa constatação e do perigo iminente que espreita, a comunidade de Bacurau se articula contra a lógica desumanizante e irrefreada de um capitalismo neoliberal que pretende aniquilar o povoado e seus cidadãos em função de interesses perversos de instâncias políticas e mercadológicas "maiores": com o desenrolar da trama, descobrimos que o plano de aniquilação está sendo operacionalizado por gringos de uma organização sobre a qual não nos é revelado muito, mas que claramente vincula-se a um projeto de grandes escalas, e conta com parceria do próprio prefeito do município no qual o vilarejo está localizado.

Na articulação da "gente" de Bacurau para ignorar as tentativas de compra de votos descaradas do prefeito Tony Júnior à organização de uma luta violenta e armada contra inimigos forasteiros que os atacam com esse mesmo tipo de brutalidade, manifesta-se a formação de um *Comum*: "a fórmula de movimentos e correntes de pensamento que pretendem opor-se à tendência dominante de nossa época: a da ampliação da apropriação privada a todas as esferas da sociedade, da cultura e da vida." (Dardot e Laval, 2014, p. 12).

Para os referenciados autores, na nossa atual sociedade capitalista neoliberal há a batalha de dois Comum's. Um deles é a estrutura fabricada pelo sistema, das

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

macroestruturas, que irradiam lógicas e práticas que atendem aos seus interesses de dominação política e, por contarem com recursos monetários, midiáticos e aparatos institucionais, dominam a maior parte da população, que adere automaticamente às lógicas que são irradiadas de cima para baixo. Em contrapartida, há um Comum orgânico, humano, que se dá na articulação de pessoas que se apoiam para, juntas, auxiliar na sobrevivência e na soberania coletiva: este é o Comum das lutas e das brechas; o *Comum Bacurau*.

Repleto de simbolismos e representações humanizadas e heterogêneas, o filme de Mendonça retrata como as pessoas dessa pequena comunidade encontram no apoio um do outro uma maneira de sobreviver e prevalecer em um Brasil que desumaniza e renega aqueles que se encontram fora dos eixos centrais de sua economia. A maneira como é construída a figura do Professor da escola do vilarejo e o respeito que os habitantes de lá demonstram ao mesmo; a cena em que Domingas, a médica do vilarejo, renega os medicamentos com potencial sedativo que o prefeito do município envia para os habitantes e todos seguem suas instruções ficando longe das drogas; a partilha de maneira igualitária e respeitosa dos poucos (e, por vezes, vencidos) mantimentos que chegam ao vilarejo: a todo momento, enxergamos a recusa dos habitantes de Bacurau de se renderem a uma "descoletivização da ação". Dessa maneira, a compra de votos, as drogas sedativas, o assassinato em massa: todas as tentativas que o Comum da macroestrutura apreende para enfraquecer aquele pequeno vilarejo são vencidas através da articulação de um Comum oposto, da coletividade orgânica, respeitosa, humanizada. Quão mais os outros enxergam e tratam o povo de Bacurau como não-humanos, recusando reconhecê-los como gente, mais eles exercem sua humanidade coletiva visando o combate e a resistência.

Um dos maiores exemplos dessa força orgânica e coletiva que guia e fortifica o povo de Bacurau manifesta-se através de um dos simbolismos mais ricos do filme: na

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

noite em que se preparam para combater as tentativas de assassinato dos forasteiros, o Professor distribui sementes colhidas de sua própria horta para toda a comunidade. Mais tarde, em um dos momentos finais do longa, após a comunidade derrotar todos os gringos extremamente armados, a mesma figura afirma ao prefeito Tony Júnior: "Estamos sob o efeito de um poderoso psicotrópico e você vai morrer." É o povo do vilarejo retirando forças de sua própria terra; seu cultivo, sua própria natureza: esta mesma que, a todo momento, diversas instâncias tentam exterminar. Através do conselho de Domingas há a negação dos remédios manipulados por laboratórios para sedar e docilizar os habitantes; por intermédio do Professor consome-se sementes naturais para auxiliar na luta armada contra o projeto de aniquilação. É renegar o fabricado em detrimento do orgânico; recusar ceder à lógica externa para se fortalecer com a coletividade de dentro. As palavras e tentativas de Tony Júnior, prefeito endinheirado eleito para um primeiro mandato pelo município e a violência dos assassinos gringos contratados por uma organização multimilionária são combatidas com os conhecimentos e cultivo de duas das figuras mais velhas e respeitadas do povoado.

Deslocando nossa análise da narrativa do filme *per se* para um olhar voltado ao cenário político brasileiro e à paisagem midiática de nosso país, podemos perceber como Bacurau representa uma brecha de resistência ao Bios Midiático (Sodré, 2014). Em sua *Ciência do Comum*, Sodré reflete sobre como as mídias e todo seu aparato imagético e seu potencial comunicativo são capazes de, através de um processo de midiatização, moldar subjetividades, fabricando e influenciando lógicas e percepções hegemônicas. Assim, no processo de midiatização brasileira, foi criado e irradiado um determinado imaginário que não costuma abarcar, por exemplo, cidadãos do Sertão do Brasil, dando representações e representatividade digna a esses povos. Em um projeto político que já promoveu a aniquilação de povos indígenas, que renega direitos e

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

infraestrutura a povos de diversas regiões não-centrais do país, que promove uma lógica irrefreada de privatização e rende-se a interesses de países estrangeiros, um filme como Bacurau representa uma resistência a diversas lógicas e instâncias hegemônicas.

Enxergamos tanto na narrativa em si quanto em sua aclamação crítica nacional e internacional e nas representações que ela traz e os debates que ela fomenta uma resistência ao Comum fabricado, ao Bios Midiático. E defendemos que, em um contexto atual de ataque e desmonte do Cinema Nacional a carga e importância política de obras como *Bacurau* e *A Vida Invisível* tornam-se ainda maiores e mais urgentes. Exemplo disso foi a resposta de funcionários da Ancine que, ao terem a exibição do último longa cancelada com tom de censura, organizaram uma sessão do mesmo em praça pública na Cinelândia, contando com presença de atores e produtores para debate e um público de aproximadamente 500 pessoas. Vemos aí a articulação de um Comum Bacurau: da comunidade humana e humanizada, que, ao ser atacada pela lógica da macroestrutura, articula-se e resiste através da coletividade. Afinal, como colocado por Gregório Duvivier em debate após a exibição pública de "A Vida Invisível": "Sem desobediência civil, esse país já teria acabado. Nosso maior ativo é jamais se curvar. Somos um país de gente insubmissa e desobediente".

Assim, neste trabalho, visamos compreender como *Bacurau* apresenta, através da retratação da luta de uma comunidade do interior que soma forças visando resistir às perversidades de forças políticas vinculadas a um regime extremamente capitalista e neoliberal, a articulação de um Comum (Dardot e Laval, 2009; Sodré, 2014). Se pretende também discorrer em que contexto sociopolítico atual a produção obtém aclamação e circulação em níveis nacionais e internacionais, e qual Brasil ela apresenta; quais tipos de representação, debates e pautas políticas estão engendrados em sua trama e imagens. Para isso, além de apoio do aparato teórico supracitado, empreendemos uma Análise crítica do discurso, concebendo produções audiovisuais e da indústria cultural

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

como construções textuais multifacetadas, que integram questões sociopolíticas, refletindo e reproduzindo relações de poder (Foucault, 2009). Investigamos o objeto também sob uma perspectiva que entende as produções culturais como "enunciados historicamente situados" que, através de suas próprias linguagens, formam discursos e influenciam subjetividades (Stam, 1993).

Referências

CAPITAL, Carta. Ancine corta apoio a dois filmes sobre LGBTs; produtores acusam censura. Brasil: Carta Capital, 2019. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/ancine-corta-apoio-a-dois-filmes-sobre-lgbts-produtores-acusam-censura/,

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

FINOTTI, Ivan. Ancine retira cartazes de filmes de sua sede e dados sobre filmes de site. São Paulo: Folha de São Paulo, 2019a. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/ancine-retira-cartazes-de-filmes-de-sua-sede-e-dados-sobre-filmes-de-site.shtml.

FINOTTI, Ivan. Proibido na Ancine, 'A Vida Invisível' é exibido ao ar livre. São Paulo: Folha de São Paulo, 2019b. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/proibido-na-ancine-a-vida-invisivel-e-exibido-ao-ar-livre.shtml.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder**.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009

RIO, Mariana. Quando os artistas desafiam o poder: sobre a polêmica com o filme Aquarius. Brasil: Esquerda Online, 2016. Disponível em:

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

https://esquerdaonline.com.br/2016/08/29/quando-os-artistas-desafiam-o-poder-sobre-a-polemica-com-o-filme-aquarius/.

SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2015.

STAM, Robert. Mikhail Bakhtin e a crítica cultural de esquerda. In: KAPLAN, Elizabeth Ann (org.). O mal-estar no pós-modernismo, p. 149 - 183. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.